

190
21

Mulheres tiram sustento dos balaaios

A mulher caingangue colhe a matéria-prima, faz os trançados e vende o artesanato para sobreviver. Técnica é ensinada às meninas



ARTESANATO

Luiz Taques

A beira do Lago Igapó, o índio Mário de Oliveira, 50 anos, coloca o feijão para cozinhar num improvisado fogão à lenha, enquanto a mulher - Iraci, percorre com dois dos oito filhos alguns bairros de Londrina vendendo balaaios. O artesanato mercantil passou a fazer parte da economia dos caingangues a partir da década passada. É o que revela uma pesquisa da socióloga Marlene de Oliveira, 35 anos, a ser apresentada na 9ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, a realizar-se de 27 a 30 de março no Rio de Janeiro.

Funcionária da Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Londrina, Marlene de Oliveira descobriu que essa atividade era combinada principalmente com a agricultura de subsistência. Antes disso ocorrer, praticamente toda a reserva vivia do trabalho assalariado e temporário em fazendas da região. O pagamento dividia-se em mantimentos e dinheiro.

"O artista índio não se sabe artista, nem a comunidade para a qual ele cria sabe o que significa isto que nós consideramos objeto artístico. O criador indígena é tão somente um homem igual ao outros, obrigado, como todos, às tarefas de subsistência da família, de participação nas durezas e nas alegrias da vida e de desempenho dos papéis sociais prescritos de membro da comunidade. É, porém, um homem mais inteiro, porque além de fazer o que todos fazem, faz algumas coisas notoriamente melhor que todos" (Darcy Ribeiro, antropólogo).

O estudo da socióloga aponta que a história dos caingangues é forjada na resistência física e cultural desde o século XVI. Ou seja, a confecção de balaiao como forma de sobrevi-



Trabalho milenar

O artesanato é parte da cultura indígena. Mas com os homens trabalhando fora da aldeia, mulheres têm menos tempo para confecção dos objetos

vência representa mais um capítulo de luta para esse grupo indígena de origem pré-colombiana.

Os anos 90 chegaram com um entrave à produção de artesanato. Muitos índios têm sido contratados para trabalhar em destilarias de álcool em Mato Grosso do Sul, onde acabam ficando até três meses longe de casa. Com isso, as índias artesãs se vêem na obrigação de assumir os deveres dos maridos, o que diminui o tempo para a fabricação de balaaios, cestas, peneiras e flechas. Nas destilarias, os índios são submetidos a jornadas desumanas, o que já levou o Ministério do Trabalho a multar algumas empresas.

Apesar dessa situação, informa a socióloga Marlene de Oliveira, o artesanato não pára de ganhar espaço dentro da reser-

va Apucarantina, localizada no distrito de Tamarana, a 70 quilômetros de Londrina. Pelo contrário, como constata a pesquisa. Junto com a roça particular e coletiva, os artesãos vão garantindo parte da própria sobrevivência.

A reserva tem 125 famílias vivendo em 6.300 hectares. Aqui, a produção das peças varia de acordo com as necessidades. Assim, um balaiao só é feito quando falta algum mantimento. No ano passado, dos 600 caingangues, 322 como Eurico Domingos, 34 anos, quatro filhos, deixaram a reserva Apucarantina para comercializar seus produtos na cidade. A socióloga acredita que apenas 1% das mulheres cain-

gangues não trabalha com artesanato.

Outros caingangues, como Castorina Zacaria Marins e a mãe, Aurora Zacaria Pereira, costumam vender os balaíos a

preços menores aos índios da própria aldeia, que revendem os produtos em Londrina. Castorina conta que chega a ganhar entre

CR\$ 5 mil e CR\$ 7 mil por mês. "Faço sozinha um balaío por dia" - salienta.

A socióloga Marlene de Oliveira descobriu que foi a necessidade de conseguir dinheiro que fez os objetos artesanais virarem mercadorias. Tudo para que os precisam consumir por

terem adquirido hábitos do homem branco. Sal, açúcar, café, banha ou óleo de soja estão na lista de consumo incorporada aos novos costumes dos caingangues.

Uma curiosidade revelada na pesquisa da socióloga da Prefeitura de Londrina está na maneira como os índios estipulam o preço dos

produtos artesanais. Não existe um acordo entre eles para estipular um determinado valor. Uma peça custa tanto quanto a mercadoria necessária para a família do índio. Desse modo, se um quilo de café é vendido no supermercado a CR\$ 600, uma cestinha ou peneira deve

ser comercializada pelo mesmo valor. "Enganam-se os que pensam que os índios são vagabundos" - afirma a socióloga Marlene de Oliveira. "Pelo contrário. Na realidade, eles são trabalhadores, são caprichosos no que fazem e são muito dedicados".

Os caingangues, segundo ela, jamais pensam a confecção de artesanato como fonte para acumular capital. Ao fixarem um preço similar ao do produto que precisam, eles abdicam do lucro para que as próprias necessidades sejam saciadas. "Em linguagem marxista, trata-se da produção simples de mercadoria, ou nada mais do

que vender para comprar" - explica Marlene de Oliveira.

A pesquisa também revela que é a mulher caingangue quem faz os trançados, comandando todos os processos produtivos, que vai da coleta da matéria-prima até a comercialização. Os homens, geralmente os mais velhos, fazem apenas o arremate final da tampa dos cestos, feitas de bambu ou de uma madeira especial.

Alguns índios ajudam as mulheres na raspagem da taquara. Outros, pela necessidade de aumentar a produção em escala comercial, já confeccionam balaíos e acompanham as

Falta de dinheiro fez artesanato virar mercadoria

Uma peça custa tanto quanto a família necessita



As artesãs participam de todo processo produtivo, da confecção até a comercialização



Quando se deslocam para a cidade, os índios levam os filhos. Costume da tribo



A técnica dos trançados é passada de geração em geração através da figura materna

Os sobreviventes de uma raça forte

A pesquisa da socióloga da Prefeitura de Londrina, Marlene de Oliveira, revela que assim como os guarani, os caingangues que vivem na Paraná são de origem pré-colombiana. A tribo descende dos antigos Guayná, compondo o grupo Jê mais numeroso do Brasil.

No século XVI, a tribo vivia na faixa do litoral entre Angra dos Reis e Cananéia. De lá para cá, os índios foram perdendo território - hoje habitam núcleos isolados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Ca-

tarina, Rio Grande do Sul e a região de Misiones, na Argentina.

Segundo o estudo da socióloga, a perda de espaço submeteu os caingangues a uma rotina de exploração e sangue. Primeiro foram protegidos pelas missões dos jesuítas, rivais dos bandeirantes paulistas, que destruíram o trabalho evangélico e mataram milhares de índios, além de escravizá-los.

Quando o ciclo da mineração termina, os índios sofrem com o tropeirismo, alçado à condição

de principal atividade econômica da província paranaense. Os tropeiros povoam o interior invadindo as áreas indígenas.

Os próprios governos provinciais estimularam o extermínio indígena para atender aos apelos das empresas interessadas nos negócios da colonização. Revoltados, os índios se organizavam para contra-ataques e até colônias militares chegaram a ser fundadas para proteger os colonizadores.

A estratégia, constata a pesquisa de Marlene de Oliveira,

visava garantir o crescimento do império brasileiro sobre as terras paraguaitas e argentinas. A partir daí vieram os aldeamentos, cuja finalidade era pacificar os caingangues que ameaçavam a navegação.

Pacificados, atualmente os caingangues sobreviventes vivem nas reservas administradas pela Fimaf (Fundação Nacional do Índio). A essência da elaboração cultural da tribo está no culto aos mortos e na organização da comunidade em grupos de parentesco.

índias aos locais de venda do artesanato. São os casos dos caingangues Eurico Domingos e Mário de Oliveira. Quando se deslocam para Londrina, costumam levar todos os filhos. "Os brancos têm creches para deixar as crianças, mas nós não temos condições de fazer isso" - informa o cacique da reserva Apucarantina, Lourival de Oliveira, 37 anos, sete filhos.

A técnica do artesanato caingangue passa de geração em geração através da figura materna. Desde cedo, a mãe ensina a filha, que dos sete aos nove anos de idade produz os objetos em miniatura. Quando a menina completa 12 anos, ela começa a fazer as peças em tamanho normal. A maioria das meninas sabe produzir artesanato, afirmando seu espaço social dentro da reserva, salienta o estudo da socióloga.

Em média, cada família confecciona de 15 a 20 balaies e cestos mensalmente. As índias acordam cedo para buscar a matéria-prima. Os balaies só começam a ser produzidos após a raspagem e secagem da taquara e do tingimento das talas com a cor desejada pelo artesão. Uma vez concluído o trabalho, os objetos são levados para a venda.

Londrina é a cidade preferida (e também a mais perto) pelos kaingãng para vender seu artesanato. Os índios permanecem geralmente de quatro a seis dias na cidade enquanto comercializam as peças. Todos acampam perto da Prefeitura, de onde saem atrás dos compradores. Artesanatos para vendas também podem ser encontrados na sede da Funai (Fundação Nacional do Índio), que fica na avenida Santos Dumont, 368.

Parte do dinheiro obtido com a venda dos objetos é utilizada para sustentar a permanência no município. Uma outra parte é destinada para pagar a mercearia em Tamarana e comprar comida para 15 dias e o que sobra ajuda na compra de sementes para a lavoura. Alguns nem voltam para a reserva depois de vender todo o artesanato, pois acabam gastando o pouco que ganharam bebendo cachaça. É o reflexo do contato interétnico que a tribo sofre desde a colonização, diz a pesquisa.

Apesar desse contato, a forma tradicional de alguns traçados foi preservada. Essa constatação a socióloga Marlene de Oliveira foi buscar num estudo intitulado "Kaingãng Basketry", lançado em 1971 por Gloria Kindell, que mostra que as cestarias da tribo dividiam-se em três tipos: kej (mais altos que amplos), Penera (amplos e achatadas) e Kre (tão amplos ou maiores do que altas).

As peças eram usadas na coleta do pinhão e serviam também para carregar a caça e os peixes, entre outras utilidades. Atualmente, há cestos com outras formas, dotados de suporte para suspender a base do chão - uma sugestão dos compradores. Antes o cipó amarrava os cestos. Foi substituído por fio de nylon e barbante.

As talas de taquara recebem tingimento com cores fortes (azul, vermelho, verde) para agradar o consumidor da cidade. O tingimento vinha de folhas nativas. Agora a tinta é feita com papel carbono ou unilina. A socióloga da Prefeitura de Londrina explica que, recontextualizados, os caingangues dão novos significados às suas peças, modelando hábitos e práticas conforme reza a cartilha do mundo atual. Eles trocam danças tradicionais por festas com churrasco, jogos antigos por futebol. Mas fabricam objetos artesanais que garantem sua reprodução social e reafirmam sua etnicidade. Ou seja, a cultura de um povo não se acaba e sim se transforma.